



Ivan Serpa é visto na foto quando preparava exposição de seus quadros, em 1968, na Galeria Bonino. Na época, ele retornará à estruturação e limpeza das cores em suas obras.

Enfarte mata Ivan Serpa, um renovador da pintura

Aos 50 anos de idade, morreu, ontem, no Prontocor da Tijuca, o pintor Ivan Serpa, um dos mais famosos pintores brasileiros. Morreu de um segundo enfarte — o primeiro ocorreu há dois meses. Ivan Ferreira Serpa foi hospitalizado às 5 horas da manhã de ontem, vindo a falecer às 13 horas. Seu sepultamento está marcado para às 13 horas de hoje no Cemitério São João Batista.

Coberto de rosas — de acordo com sua vontade —, o corpo do pintor foi velado na Capela 2 do Cemitério São João Batista, pela viúva, D. Lígia Ferreira Serpa, e seus três filhos: Ives Henrique, de 22 anos, Leila, de 18, e Heraldo de 15. Ivan Serpa tinha ainda uma filha de criação, que mora em Pirassununga.

Concretismo, fase negra, ordenação

Contrário ao espírito mercantil e pragmático dos dias de hoje, capaz até de atingir e alienar a sensibilidade do artista, Ivan Serpa soube manter-se fiel a si mesmo, jamais fazendo concessões ou preocupando-se em vender suas obras. Procurava ganhar a vida como professor e deixava livre a imaginação artística, a paixão pela pesquisa, sempre atento ao que Georges Bernanos lhe disse um dia: "O que você precisa é nunca fazer concessões a ninguém".

Os críticos encontram dificuldade em definir seu estilo e referem-se a ele como um "fenômeno de periodização", com uma obra de "perspectivas diversas e até antagônicas", "vãos desassossegados" e "linguagens momentâneas". Apesar disso, suas pinturas, desenhos, colagens, gravuras, serigrafias e objetos têm sempre uma constante: o rigor, a limpeza, a precisão, a clareza e a correção que estão presentes nos poucos mais de 20 anos de uma obra em permanente processo, jamais estruturada em torno de uma única pesquisa.

Nascido na Tijuca, a 8 de abril de 1923, Ivan Serpa ainda pequeno ficou órfão. O primeiro desenho foi um leão na capa da cartilha, quando

tinha sete anos. Sua tia Cláudia, que o criou, lia muito sobre pintura, influenciando o menino que pintava e desenhava por brincadeira. Aluno de Axel Leskocheck — pintor e gravador austriaco que viveu no Rio refugiado do nazismo —, iniciou seu caminho pelo figurativismo ligado à chamada Escola de Paris.

Um dos precursores do concretismo no Brasil, Serpa criou, junto com Lígia Clark, Hélio Oiticica, Aluisio Carvão, Lígia Pape, Abraão Palatnik e outros, o grupo de frente, especialmente preocupado com a atualização de suas obras em relação ao que se fazia contemporaneamente de mais avançado, em nível internacional, no setor da abstração geométrica.

Ivan Serpa sempre procurava novos materiais para a expressão de suas formas criativas e inovadoras, realizando colagens — idéia nascida do contato com uma equipe que restaurava papéis velhos na Biblioteca Nacional, onde trabalhou — apresentadas em exposição individual em Washington, em 1954. Três anos depois, ganhou o "Prêmio de Viagem ao Estrangeiro" no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio. O impacto causado por

sua permanência na Europa foi tão grande que Ivan Serpa voltou dizendo que "não sabia pintar nada".

Permaneceu quase um ano sem fazer coisa alguma, atento a um processo interior de transformação, que lhe valeu maior liberdade e segurança, percorreu diversos caminhos, como a "fase negra", que, nas palavras do crítico Roberto Pontual, "foi um grito rouco e incontrolável de desabafo de um artista que conhece e experimenta vitalmente as contradições do mundo em que vive". Surgiram então obras com uma desfiguração animalizante da figura humana e os desenhos marcados — segundo palavras do psicanalista Hélio Pellegrino — "por um explosivo poder de denúncia e de contestação social".

Aos desenhos eróticos de 1967, seguiram-se experiências com objetos, retomando pesquisas no campo dos efeitos óticos e negando as principais convenções da pintura e escultura. Mas Serpa sempre se manteve um construtivo, cujo "desvio" na "fase negra" foi por ele mesmo superado:

"Meu destino, como artista, é a construção, a ordenação clara, serena, racional".